



X Congresso Português de Sociologia
Na era da “pós-verdade”? Esfera pública, cidadania e qualidade da democracia no Portugal contemporâneo
Covilhã, 10 a 12 de julho de 2018

Dinâmicas Populacionais, Gerações e Envelhecimento

Impacto do envelhecimento numa região do interior português: características sociodemográficas da população e redes de apoio

MOREIRA, Maria João Guardado, Instituto Politécnico de Castelo Branco/ Escola Superior de Educação / Age.Comm-Unidade de Investigação Interdisciplinar Comunidades Envelhecidas Funcionais,
mjmoreira@ipcb.pt

PINHEIRA, Vítor, Instituto Politécnico de Castelo Branco/Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias/Age.Comm-Unidade de Investigação Interdisciplinar Comunidades Envelhecidas Funcionais,
vpinheira@ipcb.pt

Resumo

No âmbito do projecto PerSoParAge e de uma parceria com a Câmara Municipal de Idanha-a-Nova para a elaboração de um plano gerontológico concelhio, realizou-se um levantamento das necessidades e expectativas da população com 50 e mais anos do referido concelho com o objectivo de identificar e conhecer as suas características sociodemográficas, estrutura familiar e condições de vida. Neste trabalho apresentamos alguns dos resultados dos questionários aplicados à população, embora o projecto PerSoParAge se desenvolva numa área territorial mais alargada (Castelo Branco, Guarda e Portalegre). Pretende-se identificar o perfil da população entre os 50 e os 65 anos e com 65 e mais anos; comparar as suas necessidades e expectativas relativamente ao seu envelhecimento e acesso às redes de apoio formal e informal e desenvolver propostas de organização das redes de apoio

Abstract

Within the scope of the PerSoParAge project and a partnership with the Idanha-a-Nova City Council for the elaboration of a municipal gerontological plan, a survey of the population aged 50 and over was carried out about their needs and expectations about aging.

The main objective was to identify and know the sociodemographic characteristics, family structure and living conditions of this population.

In this paper we present some of the results of the questionnaires applied to the population, although the PerSoParAge project is developed in a wider territorial area (Castelo Branco, Guarda and Portalegre).

It is intended to identify the profile of the population between 50 and 65 years and with 65 and more years; to compare their needs and expectations regarding their ageing and access to formal and informal support networks and to develop proposals for the organization of support networks.

Palavras-chave / Palabras clave / Keywords / Mots-clés:

Perfis de envelhecimento; redes de apoio; necessidades; expectativas.

Ageing profiles; support networks; needs; expectations

XAPS-84323 e XAPS-67214

Introdução

O envelhecimento da população portuguesa é uma realidade ainda que regionalmente assimétrica. As regiões do interior acumulam um perfil de envelhecimento resultante dos efeitos dos movimentos migratórios de saída, desde os anos 1960, ainda que com diferentes intensidades (emigração, migrações internas), e de um desenvolvimento económico condicionado por opções políticas que tem beneficiado as regiões do litoral. Factores contextuais que têm que ser considerados numa análise sobre a evolução e dinâmica da população das regiões do interior e, especialmente, sobre os seus processos de envelhecimento. Viver em áreas rurais do interior define diferentes perfis de envelhecimento, caso dos municípios rurais, sendo que os factores contextuais acentuam a vulnerabilidade de alguns sectores da população idosa. É o caso da dimensão e qualidade das redes de apoio social, o que pode ser um factor de maior vulnerabilidade desta população idosa, até porque muitos destes idosos vivem sozinhos. Na verdade, segundo o último recenseamento, cerca de 400 mil idosos portugueses viviam sozinhos e 804 mil também em companhia exclusiva de outros idosos (INE, 2012), concentrando-se principalmente nas regiões do interior. É aqui que se localizam os concelhos com os maiores índices de envelhecimento, além de que estas são zonas de migração e de saída dos jovens em idade activa, não apenas em décadas passadas como em épocas mais recentes.

No âmbito do projecto PerSoParAge e de uma parceria com a Câmara Municipal de Idanha-a-Nova para a elaboração de um plano gerontológico concelhio, realizou-se um levantamento das necessidades e expectativas da população com 50 e mais anos do concelho de Idanha-a-Nova com o objectivo de identificar e conhecer as suas características sociodemográficas, estrutura familiar e condições de vida. O conhecimento das características da população dos territórios do interior e, em particular, deste concelho, revela-se fundamental para adequar as políticas de envelhecimento territorializadas por parte dos agentes locais. Na verdade, só o conhecimento da forma como as comunidades lidam com os processos de envelhecimento pode ajudar a definir estratégias que possibilitem não apenas o bem-estar e autonomia das pessoas idosas, mas também a sua integração e participação, a sua implicação na vida local e no desenvolvimento dos territórios (AGE Platform Europe, 2011). O desenvolvimento destas estratégias implica, por outro lado, um

planeamento que tenha em conta as reais necessidades da população, mas também a diversidade de contextos que podem estar relacionados com as particularidades de cada grupo de idade e/ou diferentes oportunidades de acesso aos recursos. Justifica-se, por isso, conhecer não apenas os estilos de vida da população idosa como também daqueles que o serão nos próximos anos.

Neste trabalho apresentamos o caso de Idanha-a-Nova, concelho com características rurais do interior do país, embora o projecto PerSoParAge se desenvolva numa área territorial mais alargada que abrange uma área da Guarda a Portalegre. São nossos objectivos identificar o perfil da população entre os 50 e os 65 anos e com 65 e mais anos, comparar as suas necessidades e expectativas relativamente ao seu envelhecimento e acesso às redes de apoio formal e informal e desenvolver propostas de organização das redes de apoio que respondam às fragilidades identificadas neste diagnóstico.

Contexto

As comunidades do interior do país com níveis elevados de população idosa confrontam-se com desafios relacionados com o alojamento, saúde, dependência, coesão social, solidariedade intergeracional, promoção de um envelhecimento ativo. Face a estes desafios, cabe aos decisores a responsabilidade estratégica de delinear uma política de envelhecimento territorial que envolva todos os intervenientes, quer os destinatários, quer as organizações e instituições da região. Torna-se, portanto, premente uma reflexão sobre os processos que irão permitir encontrar soluções que respondam às necessidades decorrentes deste fenómeno. O interior do país, mais concretamente as regiões de Castelo Branco, Guarda e Portalegre, têm passado por processos demográficos, sociais e económicos semelhantes cujo impacto nas dinâmicas de envelhecimento é conhecido. Contudo, têm faltado estudos de base populacional que englobem estes territórios e em que sejam avaliados os recursos, sociais e de saúde disponíveis nestas comunidades envelhecidas, bem como as políticas de autonomia para um envelhecimento esclarecido e participativo, seja no apoio ao “autocuidado” (pessoas que cuidam de si mesmas), no apoio informal (cuidado por familiares e amigos) e no cuidado formal (serviço social e de saúde). Até porque os idosos constituem um grupo muito heterogéneo, com diferentes estilos de vida (Cabral, Ferreira, Silva, Jerónimo, Marques, 2013), o que, naturalmente tem implicações na gestão das sociedades envelhecidas (Fernandes, 2001; Mauriti, 2004).

Estes contextos apelam, portanto, para a necessidade de redirecionar a discussão para o(s) processo(s) de envelhecimento e para os contextos socio-ambientais em que ocorre.

Em Portugal, viver nas regiões rurais, ou em meios urbanos do interior pode evidenciar essa diversidade, pelo que interessa identificar as características da população, as políticas e os recursos existentes, bem como estimar os recursos necessários de forma a poder prover as demandas futuras de cuidados, com uma abordagem que interrelacione as políticas sociais e de saúde.

Nestas comunidades rurais, onde o efeito dos movimentos migratórios, quer de emigração quer de mobilidade interna, está muito presente, a existência de redes de apoio são um importante factor de protecção social da população idosa (Cabral, Ferreira, Silva, Jerónimo, & Marques, 2013). No concelho de Idanha-a-Nova, dados do recenseamento de 2011 mostravam que 24,4% da população com 65 e mais anos vive sozinha e 50% vive com outras pessoas do mesmo grupo etário. Ora sendo um concelho em que 42,9% da sua população era em 2011 idosa, e lembrando que os efeitos dos movimentos migratórios de saída são acentuados, percebe-se a importância de conhecer os contextos formais e informais de apoio (Paúl, 2005).

Se é certo que cabe aos decisores regionais (Barbosa, 2015; Barbosa, Feio, Fernandes Thorslund, 2016; Bárrios, Fernandes, 2014; Argoud, 2017) a responsabilidade estratégica de delinear uma política de envelhecimento territorial que envolva todos os intervenientes, quer os destinatários, quer as organizações e instituições da região (Jahan, Leclair, 2010), também devemos notar que as estratégias de intervenção na área do envelhecimento devem ter por base estudos com evidência científica que enquadrem o desenho de uma política de envelhecimento territorial envolvendo todos os intervenientes, quer os destinatários, quer as organizações e instituições da região

Metodologia

Foram realizados 111 questionários à população entre os 50 e os 64 anos e 261 à população com 65 e mais anos, a viver na comunidade e que tivesse capacidade cognitiva para responder, o que corresponde a uma amostra representativa da população do concelho daquela faixa etária (7% da população), estratificada por grupos etários quinquenais, sexo e por freguesia, com um intervalo de confiança de

95% (Tabela 1). No sentido de aferir os quantitativos da amostra por confronto com o recenseamento de 2011, visto os anos que medeiam entre aqueles dados e a altura em que se realizou a recolha, o cálculo da amostra foi realizado com base nas estimativas da população de 2016 publicadas pelo INE. Todavia, para as freguesias apenas se considerou o seu peso no total do concelho, segundo o recenseamento de 2011, uma vez que as estimativas não disponibilizam dados desagregadas para este nível territorial. Os questionários foram aplicados face a face, por alunos do Mestrado em Gerontologia Social do Instituto Politécnico de Castelo Branco, na rua, em associações, ou em cafés, em Abril e Maio de 2017, tendo havido um trabalho prévio de divulgação junto das populações em articulação com a Câmara Municipal, Juntas de Freguesia, paróquias e GNR. A análise dos resultados foi realizada agrupando os indivíduos em três grandes grupos etários: 50-64 anos, 65-79 e 80 anos e mais.

Os dois questionários que foram aplicados (um para os indivíduos entre os 50 e 64 anos e outro para os que têm 65 e mais anos) abrangeram um conjunto de aspectos relacionados com a caracterização sociodemográfica, recursos sociais e económicos; saúde, actividades da vida diária básicas e instrumentais, utilização de serviços e serviços de coordenação, informação e apoio, necessidades e expectativas sobre o processo de envelhecimento.

Anteriormente foi realizado um pré-teste numa freguesia de um concelho limítrofe o que possibilitou reformular os questionários, tanto no que diz respeito à organização interna das questões como clarificar as que se revelaram de mais difícil compreensão ou resposta.

Tabela 1 – Caracterização da amostra

	50 -64			65 +		65 - 79		80 e +	
	N	%		N	%	N	%	N	%
H	53	47,7	H	101	38,7	58	22,2	43	16,5
M	58	52,3	M	160	61,3	95	36,4	65	24,9
Total	111	100	Total	261	100	153	58,6	108	41,4

Foram, também, realizados questionários às instituições com respostas sociais para idosos (presidentes e direcções técnicas, num total de 16) com o objectivo de não apenas fazer o levantamento dos recursos sociais existentes no concelho, como

também conhecer a opinião dos técnicos e direcções sobre a adequabilidade desses recursos às actuais e futuras necessidades da população idosa.

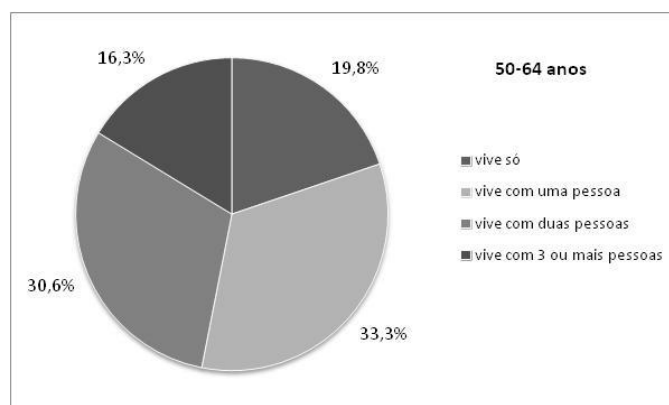
Resultados

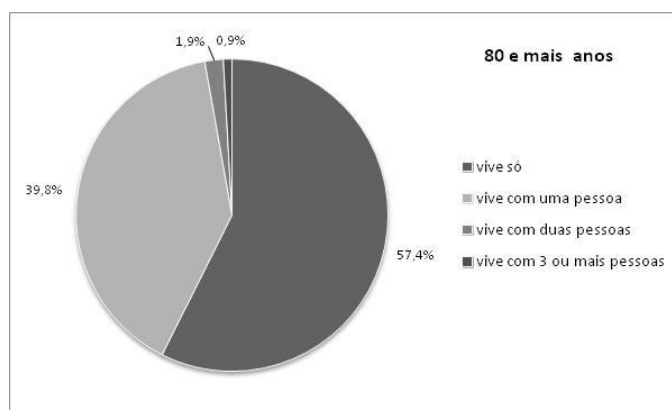
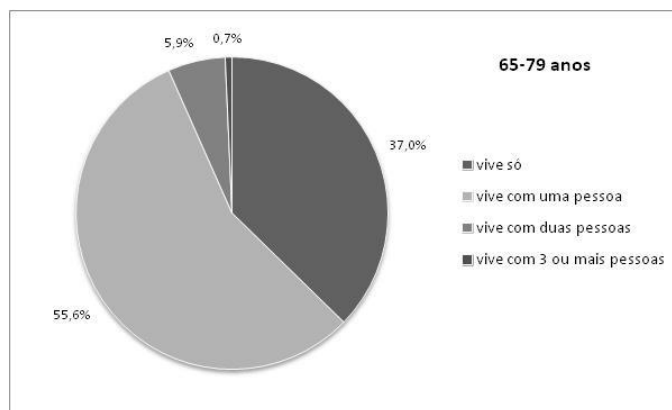
A população inquirida entre os 50 e os 64 e os 65-79 anos é maioritariamente casada (69,4%, 58,2%, respectivamente), enquanto os que têm 80 e mais anos são sobretudo viúvos (56,5%), principalmente as mulheres, 73,8% das mulheres deste grupo etário são viúvas.

O efeito geracional está bem patente nos baixos níveis de escolaridade de todos os indivíduos. Na verdade, 64,7% dos que têm entre 65 e 79 anos tem o ensino básico primário e 16,3% não sabe ler nem escrever. Já os que têm 80 e mais anos, 50% não sabe ler nem escrever, 17,6% sabe ler e escrever sem possuir grau de ensino e 32,4% tem o ensino básico primário. Esta característica ainda é mais visível no caso das mulheres deste grupo etário uma vez que 74% do total das mulheres com 80 e mais anos não sabe ler e escrever, ou se sabe não tem nenhum grau de ensino. Registe-se que os indivíduos mais novos (50-64 anos) mantêm um perfil de escolaridade baixa, mesmo no contexto actual, já que 40,5% tem o ensino básico primário, 20,7% o ensino básico preparatório, 22,5% o ensino secundário e apenas 5,4% tem educação média e superior.

Vivem em agregados familiares de pequena dimensão, ou com o cônjuge ou sozinhos (Gráfico 1), no caso dos indivíduos com 65 e mais anos, enquanto os que têm entre 50 e 64 anos, como seria de esperar, vivem com filhos, para além do cônjuge.

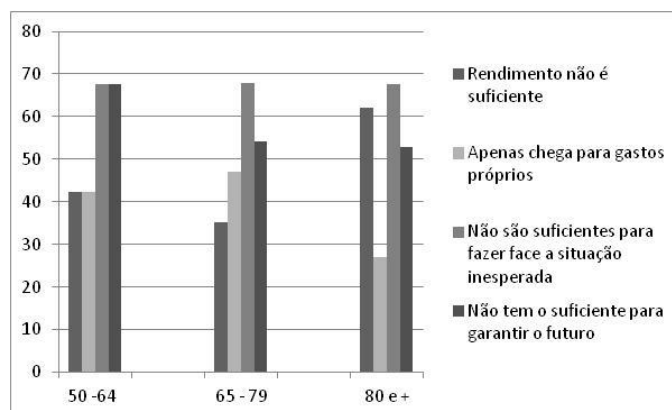
Gráfico 1 – Com quem vive





À medida que avança a idade são mais frequentes as famílias unipessoais, 37% dos que têm entre 65 e 79 anos vivem sozinhos, percentagem que sobe para 57,4% para os que têm 80 e anos e mais (Gráfico 1), o que reflecte a situação de viuvez que caracteriza este grupo, tal como apontámos anteriormente.

Gráfico 2 – Rendimentos



Os rendimentos são na generalidade considerados baixos, o que torna difícil fazer face a situações inesperadas, aspecto mencionada por todos os grupos etários. Mas é para os mais velhos, com 80 e mais anos, que esta problemática ainda é mais complicada já que mais de 60% diz que os rendimentos que tem disponíveis não são suficientes.

As características sociodemográficas denotam já algumas fragilidades desta população, pelo que a existência de apoio informal (cuidado por familiares e amigos) constitui um importante mecanismo de proteção social especialmente para os idosos.

Das% pessoas com menos de 65 anos, 88,3% têm alguém que pode fornecer ajuda em situação de incapacidade. Essa ajuda é principalmente dos cônjuges (n=84) e de familiares próximos (n=27). Esta ajuda apenas está disponível por pouco tempo ou para pequenas tarefas em 20,7 % da sub-amostra. Apenas 8,1% dos indivíduos deste grupo etário (n=9) utiliza serviços de apoio, maioritariamente formal e, principalmente, por questões de saúde. Os apoios que consideram mais importantes são a nível afectivo/relacional (n=77), nos cuidados pessoais (n=72) e nos cuidados domésticos (n=64). Quanto à residência no futuro 93,7% escolhe, como primeira opção, viver na sua própria casa. A opção de viver numa instituição apenas é escolhida como terceira opção de residência por 24,3%.

No grupo de pessoas com mais de 65 e menos de 80 anos (n=153), existe suporte em caso de incapacidade, principalmente dos filhos/noras (n=122) ou dos cônjuges (n=83). Neste grupo etário, 12,4% não tem suporte em caso de incapacidade e quanto ao apoio da rede informal, a ajuda apenas está disponível por pouco tempo ou para pequenas tarefas em 28,7 % da sub-amostra; 9,8 % já precisou de apoio nos últimos 6 meses, que foi prestado maioritariamente pela família (83,3%). Por outro lado, no que concerne à monitorização, 22,9% refere que não foi monitorizado nos últimos 6 meses e que quando existe é quase sempre informal e, em 91,5% dos casos, familiar. Quanto aos serviços domésticos, 20,3% teve ajuda sobretudo da rede informal (n=25); 22,9% teve ajuda na preparação das refeições, maioritariamente da rede informal (n=21), mas também da rede formal (n=14). Os apoios que consideram mais importantes são a nível afectivo/relacional (n=122), nos cuidados pessoais (n=100) e nos cuidados domésticos (n=96). Quanto à residência no futuro, 96,3% escolhe, como primeira opção, viver na sua própria casa, enquanto a opção de viver numa instituição apenas é escolhida como terceira opção de residência por 22,2%.

Os indivíduos com 80 e mais anos (n=108), indicam que têm suporte em caso de incapacidade, principalmente dos filhos/noras (n=75), ou dos cônjuges (n=35). Neste grupo etário, 14,8% não tem suporte em caso de incapacidade. A ajuda do apoio da rede informal apenas está disponível por pouco tempo, ou para pequenas tarefas em 36,1 % dos casos, sendo que 38,9 % já precisou de apoio nos últimos 6 meses, apoio que foi prestado maioritariamente pela família (50%). Relativamente à monitorização, 27,8% não foi monitorizado nos últimos 6 meses e, quando existe, é quase sempre informal, e em 93,5% dos casos familiar. Nos serviços domésticos, em que 49,1% já teve ajuda, apesar da presença da rede informal (n=22, 41,5%), predomina a rede formal (n= 31; 58,5%). Os apoios que consideram mais importantes são a nível afectivo/relacional (n=90), nos cuidados pessoais (n=85) e nos cuidados domésticos (n=78). Quanto à residência no futuro, 98,7% escolhe, como primeira opção, viver na sua própria casa e a opção de viver numa instituição apenas é escolhida como 3ª opção de residência por 24,3%.

Os questionários aplicados às instituições de apoio à população idosa apontam para a necessidade de mais recursos humanos, com formação mais adequada e especializada, e para instituições com uma maior diversidade de respostas. Consideram, por outro lado, que é necessário desenvolver serviços partilhados entre as instituições para fazer face à escassez de recursos, principalmente das instituições mais pequenas, até porque o contínuo despovoamento do concelho começa a dificultar o recrutamento de recursos humanos. É, também, necessário maior apoio do poder político. Existe a percepção de que, no futuro, a resposta social mais procurada será o serviço de apoio domiciliário, já que há uma tendência para o aumento das pessoas que querem envelhecer em casa. Constata-se que existe uma rede de estruturas de apoio que cobre o território, embora, na generalidade, com ofertas clássicas (lares e Centro de Dia e Apoio domiciliário),

A partir destes primeiros dados é possível já traçar perfis de envelhecimento em que predominam os baixos níveis de escolaridade e de rendimentos, viver sozinho para um número significativo de indivíduos, principalmente mulheres, revelador de uma estrutura familiar caracterizada por famílias unipessoais, ou então com uma dimensão média pequena, em que se vive com outra pessoa, principalmente o cônjuge, o que pode indiciar uma rede intergeracional frágil, sobretudo no caso dos mais velhos.

Na amostra total, as redes informais de proximidade (nº de pessoas visitáveis / nº de telefonemas na última semana / nº de visitas na última semana) são mais fortes nos

agregados de maiores dimensões, revelando a vulnerabilidade dos agregados menores ou unipessoais (Tabela 2).

Tabela 2 – Média dos contactos na rede informal, por sexo e grupos etários

	50-64		65-79		+ de 80	
	H	M	H	M	H	M
N^a de pessoas visitáveis	10,24	7,27	8,57	7,25	9,25	5,44
N^o de telefonemas na última semana	13,12	10,94	5,57	14,62	4,24	5,76
N^o de visitas na última semana	11,64	5,89	3,42	10,62	4,47	4,57

Os testes de correlação (teste de correlação paramétrica de Pearson) mostram uma correlação estatisticamente significativa da dimensão do agregado com o número de telefonemas e número de visitas na última semana ($r=0,113$ e $r=0,130$, respectivamente). Existe correlação positiva entre as três questões (número de pessoas visitáveis, telefonemas e visitas na última semana), com valor significativo e com valores mais elevados entre o número de pessoas visitáveis e o número de visitas na última semana ($r=0,394$). Isto pode evidenciar a grande fragilidade na rede informal de proximidade, particularmente no grupo dos 80 e mais anos.

Na análise por sub-amostras, é possível verificar que os homens do sub-grupo 50-64 revelam mais contactos da rede informal e essa vantagem nos grupos etários mais velhos apenas se revela no número de pessoas visitáveis.

As mulheres dos 50-64 mostram uma rede com menos contactos, que se reforça no grupo dos 65-79 no número de telefonemas e visitas, mas que cai para os valores médios mais baixos no grupo dos indivíduos de 80 e mais anos. Este facto, associado a haver neste grupo de 80 e mais anos um maior número de mulheres a viver sozinhas, que fazem parte de um grupo com recursos económicos frágeis, revela uma elevada vulnerabilidade para esta sub-amostra.

Conclusões

O concelho de Idanha-a-Nova tinha, no recenseamento de 201, 42,9% da sua população com 65 e mais anos, revelador do acentuado envelhecimento na base e no

topo da pirâmide etária, o que conduz a um cenário que pode pôr em causa a sustentabilidade do seu suporte intergeracional.

Os baixos recursos económicos da sua população, particularmente para fazer face a despesas inesperadas, redes familiares e de suporte débeis, nomeadamente em situações imprevistas apontam para a necessidade de uma atenção especial dos serviços de ação social do município e maior articulação com a segurança social, bem como iniciativas que promovam a economia local. Por outro lado, a pequena dimensão dos agregados familiares, associada à baixa densidade populacional e à dispersão geográfica do concelho exige a criação de novas redes de suporte, quer formal quer informal. Também quanto à dispersão geográfica, a monitorização revela-se como uma grande necessidade, dado não existir nenhuma estrutura/serviço com essas funções, podendo ser uma mais valia integrar também as redes de proximidade, particularmente os vizinhos, sob a forma de programas de voluntariado estruturados e formais. Identificámos ainda a ausência de uma estrutura que coordene serviços, integrando a informação da segurança social, com os prestadores locais de serviços, os serviços de saúde e a autarquia. A este nível poderá ser importante o papel das juntas de freguesia, como elementos de grande proximidade e conhecimento do território e das pessoas.

A baixa escolaridade, mesmo no grupo dos 50-64, exige programas de formação ao longo da vida, conjugados com uma aposta em processos de decisão participativa que possam contribuir para processos efectivos de envelhecimento ativo.

A redefinição de políticas de envelhecimento a nível local deve, portanto, partir de uma análise sobre a territorialização do envelhecimento, de modo a sustentar as estratégias que os territórios e os seus recursos humanos e materiais devem adoptar para responder efectivamente às necessidades e expectativas das populações.

Notas

Este trabalho foi realizado com o apoio do Município de Idanha-a-Nova e da FCT através do Projecto PerSoParAge. - *Recursos pessoais e sociais para a autonomia e participação social numa sociedade envelhecida* (POCI-01-0145-FEDER-023678).

Por decisão dos autores este texto não foi redigido segundo o novo acordo ortográfico.

Referências Bibliográficas

- AGE Platform Europe (2011). *How to promote active ageing in Europe EU support to local and regional actors*. UE
- Argoud, D. (2017). Territoires et vieillissement : vers la fin de la politique vieillesse? *Lien social et Politiques*, 79, 17–34. Retrieved from <https://www.erudit.org/fr/revues/lsp/2017-n79-lsp03241/1041730ar.pdf>
- Barbosa, C. M. O. (2015). Políticas públicas locais para o envelhecimento: O caso de Portugal e da Suécia, *EXEDRA: Revista Científica Publicação eletrónica da Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra*, 152-172. Retrieved from <http://www.exedrajournal.com/wp-content/uploads/2016/02/Cap11.pdf>
- Barbosa, C., Feio, P., Fernandes A., Thorslund, M. (2016). Governance strategies to an ageing society - Local role in multi level processes. *Journal of Comparative Politics*, 9 (1), 4-18
- Bárrios, M.J., Fernandes, A. (2014). A promoção do envelhecimento ativo ao nível local: análise de programas de intervenção autárquica, *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 32(2), 188-196
- Cabral, M., Ferreira, P., Silva, P., Jerónimo, P., & Marques, T. (2013). *Processos de Envelhecimento em Portugal: Usos do tempo, redes sociais e condições de vida* Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos
- Fernandes, A.A. (2001). Velhice, solidariedades familiares e política social: itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 36, 39-52
- INE (2012). Mais de um milhão e duzentos mil idosos vivem sós ou em companhia de outros idosos. *Destaque*. INE
- Jahan, F., Leclair, M. (2010). *Le projet gérontologique territorial: un défi pour les élus locaux*, Toulouse: Érès
- Mauritti, R. (2004). Padrões de vida na velhice, *Análise Social*, XXXIX (171), 339-363

Paúl, C. (2005). Envelhecimento activo e redes de suporte social. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras do Porto*, XV, 275–288.